

OS INGLESES E A HISTÓRIA DO BRASIL (1809-1821)

THE ENGLISH AND THE HISTORY OF BRAZIL (1809-1821)

Lilian Martins de Lima

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”/Franca

Correspondência:

Av. Eufrásia Monteiro Petraglia, 900 - Jd. Antonio Petraglia

Bloco III - Sala 10 - Cep: 14409-160

E-mail: li.martinsdelima@gmail.com

Resumo

A escrita da história do Brasil foi alvo da atenção de letrados ingleses que, em meados do século XIX, redigiram narrativas intituladas Histórias do Brasil. Relatos de viagens, crônicas, entre outros, exerceram um papel crucial na escrita dessas histórias que buscavam apresentar ao leitor inglês as informações mais acuradas sobre os principais eventos de uma região que despertava cada vez mais a curiosidade européia. Num período em que o conhecimento histórico não conhecia rígidas definições, essas histórias oferecem ao público a trajetória desde o descobrimento, com destaque para a presença holandesa, até o episódio da transmigração da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808. De trajetórias distintas, porém com interesses comuns, as narrativas de Andrew Grant, Robert Southey e James Henderson divulgam uma interpretação do Brasil e da sua história. A proposta do artigo é mapear e compreender algumas características dessa produção escrita sobre a história brasileira.

Palavras-chave: Historiografia; Brasil; Autores ingleses.

Abstract

The writing of the history of Brazil was an object of attention of Englishmen that in the mid-nineteenth century composed narratives intitled History of Brazil. Travellers accounts, chronicles and among others had a crucial role in the writing process of these histories that present to the reader the most accurate information about one region that would increasingly the european curiosity. In a period which the historical knowledge did not know rigid definitions, these histories offer to the English public the trajectory since the discovery, with emphasis on dutch presence until the episode of the transmigration of the Portuguese Court at the Rio de Janeiro, in 1808. From distinct trajectories but commom interests, the narratives of Andrew Grant's, Robert Southey's and James Henderson's divulged an interpretation of Brazil and its history. The purpose of this article is to map and comprehend some characteristics of this written production about brazilian history.

Keywords Historiography; Brazil; English Authors.

A presença da cultura britânica no desenvolvimento do Brasil, no espaço, na paisagem, no conjunto da civilização do Brasil é das que não podem – ou não devem – ser ignoradas pelo brasileiro interessado na compreensão e na interpretação do Brasil.

Gilberto Freyre

Os autores, as trajetórias, os interesses

A produção escrita sobre o Brasil em meados do século XIX não se limitou a panfletos comerciais que propagavam eufóricas perspectivas para um território que, sede do Império Português desde 1808, atraía cada vez mais a atenção de estrangeiros. Tal produção escrita, que procurou apresentar o país em seus mais diversos aspectos, foi elaborada por naturalistas, botânicos, desenhistas, geólogos, geógrafos, poetas, curiosos e aventureiros que visitaram o país ou dele tiveram notícias em determinado momento de suas vidas. Dentre esses inúmeros visitantes europeus que conheceram o Brasil, os visitantes ingleses tinham interesses bem mais amplos do que a mera assinatura de tratados de aliança comercial e de amizade. A natureza, a cultura, o cotidiano das cidades brasileiras e a própria história do país mereceram a atenção dos escritores e, conseqüentemente, do público inglês no decorrer do século XIX.

Principal fonte de informação sobre os territórios do Novo Mundo, os relatos de viagem exerceram um papel crucial no processo de elaboração das *histórias do Brasil* escritas e publicadas em Londres em meados do século XIX.¹ Autores com trajetórias bem distintas: alguns mais conhecidos do público inglês e luso-brasileiro – como é o caso de Robert Southey —, outros, no entanto, de circulação mais restrita.² Esse é o caso de Andrew Grant, físico inglês que publica em 1809 a primeira obra em língua inglesa sob a denominação de *History of Brazil*, obra que, em 1811, ganha uma edição francesa e, em 1814, uma edição em língua alemã.

O interesse, cada vez maior e mais extenso, entre os súditos ingleses sobre essa porção da América do Sul estimulou a produção de uma série de *histórias* sobre o país no decorrer do período joanino. Alguns, como James Henderson, visitaram

¹ Cf. CEZAR, Temistocles. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relatos de viagem. *Almanack Braziliense*, v. 11, p. 26-33, 2010; ARAUJO, Valdeci. Formas de ler e aprender com a História no Brasil joanino. *Acervo* Rio de Janeiro, v. 22, p. 85-98, 2009.

² Poucas informações existem sobre a vida e obra de Andrew Grant e de James Henderson. Nos arquivos ingleses apenas encontramos referência no que diz respeito à Grant a escrita de uma história do Brasil e a menção a sua atividade como físico. James Henderson, por sua vez, era viajante e obteve em 1823 o cargo de consul em Bogotá após residir desde 1821 na cidade do Rio de Janeiro. Elaborou além da sua *History of Brazil*, alguns panfletos avaliando a situação econômica dos territórios da América Espanhola. Entrou em conflito com partidários de Símon Bolívar e foi enviado a Inglaterra em 1831.

por alguns meses as principais cidades do período, como o Rio de Janeiro e o Recife, outros, como foram os casos de Andrew Grant e de Robert Southey, elaboraram suas narrativas sem nunca pisar em terras brasileiras. No caso de Henderson, a observação proporcionada pela visita e o contato com autoridades portuguesas e alguns notórios viajantes ingleses, resultou numa *história* que apresenta, de forma sucinta, as principais províncias e algumas características do extenso território brasileiro. Essa mesma lógica já pode ser vislumbrada quando da publicação em 1809, em Londres, da obra de Andrew Grant.

Com o subtítulo de *a narrative of the most remarkable events which have occurred there since its discovery*, Grant esclarece que pretende apresentar ao seu leitor informações úteis, especialmente instigantes para aqueles dedicados à especulação da vida comercial. O grande interesse comercial pelas terras brasileiras, manifestado logo nas páginas iniciais dessas *histórias* não deve nos iludir: mais do que informar e estimular a vinda de estrangeiros e a troca comercial “na porção mais interessante do império português”, essas narrativas, ao ordenarem uma série de eventos vivenciados desde o *descobrimento* até o estabelecimento da Corte em 1808, construíram uma interpretação articulada da história do Brasil.

A narrativa de Grant se empenha em apresentar informações recentes e acuradas acerca de uma região cujos registros eram breves e incompletos. Ao se dedicar a apresentar a história dos eventos mais memoráveis da antiga colônia portuguesa na América, o físico inglês faz grande uso de obras de autores dos tempos coloniais, como o holandês Johann Nieuhoff, o francês Jean de Léry, e obras de autores mais modernos como James Cook e George Staunton. O texto de Grant se estrutura em doze capítulos que abordam desde o *descobrimento* até a vinda da família real, com destaque para as condições climáticas, a descrição da população nativa, os episódios da ocupação holandesa e a tentativa francesa de se estabelecer no Rio de Janeiro e, por fim, apresenta um apêndice dedicado a informar sobre as principais doenças tropicais adquiridas por europeus e o tratamento usualmente empregado para a sua cura.

Escrever uma história implicou aqui em organizar as informações recolhidas em relatos de viagens com textos de autores modernos como o abade Raynal, outra relevante referência para a escrita dessas *histórias*. Quando comenta sobre a diversidade entre as tribos indígenas, Grant se apoia amplamente nas observações de Raynal. No exercício de escrita de sua história, a recorrência - implícita ou explícita - a autores diversos é uma constante que legitima a obra e lhe confere respeitabilidade.

Os capítulos dedicados a Porto Seguro, por exemplo, são amplamente amparados nas observações legadas por Thomas Lindley. A bem da verdade é possível, no decorrer da leitura da *história*, encontrar trechos imensos emprestados do relato de Lindley. Caso semelhante ocorre nas obras de James Henderson e Robert Southey. Esse último destaca, em carta endereçada a John May, as leituras que auxiliaram na escrita de sua história. Além da menção a Henry Koster, o poeta laure-

ado destaca a obra do francês Andre Thevet, obras de jesuítas no Paraguai e a história de Sebastião da Rocha Pita, aguardada ansiosamente³.

James Henderson⁴, por sua vez, apresenta uma particularidade em relação à Grant e Southey. O diplomata conheceu, além do Brasil, a Colômbia, país no qual foi cônsul no período de 1823 a 1831⁵. Em *Notice to the reader* agradece “the friendly assistance I experienced from many persons in South America, as well as from some governors and ex- governors of provinces has furnished a portion of authentic materials of the work.”⁶. Menciona ainda a utilização da obra de Manuel Aires de Casal, que lhe rendeu anos mais tarde a acusação de plágio e, por fim, remete à obra de Southey. Em 1819, interessado na possibilidade de obter o cargo de cônsul, embarca em Londres e, mesmo desapontado com a negativa de Henry Chamberlain, decide permanecer no Brasil. A estadia no país se prolonga até 1823 quando é nomeado cônsul em Bogotá.

Além da utilização da obra de viajantes, sábios locais, entre outros, Henderson incrementa sua história com a experiência pessoal. Apresenta, nas páginas iniciais de sua obra, uma descrição de sua viagem da Inglaterra para o Brasil e as impressões oriundas de sua estadia em cidades como o Rio de Janeiro e o Recife. No entanto, quanto à estrutura do texto, as narrativas de Henderson e Grant se assemelham.

Traço bastante comum nessa produção escrita, a elaboração de uma história contava sempre com trechos de viajantes, informações de botânicos, geógrafos, entre outros, material que era disposto “de acordo com as possibilidades de pesquisa, funções do relato e talento do autor”⁷. A reprodução de trechos de outros autores também é característica dessa produção escrita, atitude que, longe de ser concebida como um plágio conferia uma faceta testemunhal aos escritos.

Ao lado dos relatos de viagens, o auxílio prestado por amigos e autoridades colaborou imensamente para a elaboração dessas histórias. Southey se gabava da facilidade em obter obras sobre as colônias espanholas e portuguesas na América através da biblioteca de seu tio, Herbert Hill, em Lisboa, e do contato com mercadores ingleses como Henry Koster e John Luccock.

A reunião do maior número possível de informações sobre uma região que despontava como “interessante e de grande potencial comercial” não se apresenta-

³ Cf. WARTER, John Wood. (ed). *Selections from the letters of Robert Southey*. Londres: Longman, 1856, 2v.

⁴HENDERSON, James. *A history of Brazil*. Comprising its Geography, Commerce, Colonization, Aboriginal Inhabitants etc., Londres, Longman, 1821, p. 11 .

⁵ Henderson é nomeado consul em Bogotá em 1823. Entre as suas atribuições estava o reconhecimento da independência da Colômbia .Após se envolver em conflitos com os aliados de Símon Bolívar e desentendimentos com Patrick Campbell, representante diplomático, retorna, em 1831 a Londres .

⁶ HENDERSON, James .*Op .Cit*, p .05-6 .

⁷ ARAÚJO, Valdei Lopes de .*Op .Cit*, p . 87 .

va como uma tarefa fácil para os ingleses do limiar do Oitocentos. Os dados que existiam na Inglaterra, por exemplo, eram inexatos, sendo necessária a consulta em outros lugares, notadamente em Portugal. Essa foi a trajetória de pesquisa e escrita daquele que buscava ser reconhecido como o historiador do Brasil, Robert Southey⁸. Expressivo nome do Romantismo inglês, Southey se dedicou a uma variedade de temáticas: no campo literário, redigiu alguns poemas sobre o Oriente, como *Thabata the destroyer* (1801) e *The Curse of Kehama* (1810), ensaios sobre política, religião, costumes e relatos de viagem. Conforme indicam seus estudiosos⁹, Southey passou, a partir de 1800, a nutrir um interesse especial pela história, candidatando-se ao cargo de historiógrafo real em 1812. Em agosto de 1800, o poeta confia a sua intenção de dedicar-se à escrita da história portuguesa moderna.

A dedicação voltada para esse projeto pode ser acompanhada na série de cartas destinadas ao seu agente em Londres, Rickman, ao seu irmão Thomas, ao bibliófilo Richard Heber, e ao seu principal colaborador nessa empreitada, o tio Hill, possuidor de vasta biblioteca, cujos exemplares, no momento da invasão napoleônica, foram enviados para a residência de Southey, em Keswick. Na biblioteca¹⁰ de Southey, podemos destacar as seguintes obras que o auxiliaram na obtenção de informações e no processo de escrita da história: obras de cronistas como Fernão Lopes, José de Acosta, obras de franceses sobre o Brasil como a história de Alphonse de Beauchamp, viajantes ingleses como William Dampier, além de clássicos da literatura europeia, como Luís de Camões.

Em resposta aos exíguos rendimentos que a atividade de homem de letras lhe oferecia, redigiu várias resenhas para inúmeros periódicos, como a *Monthly Magazine*, *Critical Review* e a *Annual Review*. Na imensa correspondência que legou, confessa que “necessity sends some men to the gallows, some to prisons, it always sends me to the press”. No entanto, além da necessidade de obter recursos, a imprensa possibilitava alcançar um público mais amplo e discutir temas tidos como vitais para o melhoramento da sociedade.

Os conhecimentos adquiridos durante as estadias em Portugal garantiam pedidos de relatos de viagem e resenhas sobre clássicos da literatura ibérica. Como

⁸ SOUTHEY, Robert. *The History of Brazil*. London: Longman, Hurst, Rees, and Orme, Paternosterrow, 1810,3v; SOUTHEY, Roberto. *História do Brasil*. Traduzida do inglês pelo Dr. Luís Joaquim de Oliveira e Castro; anotada por J. C. Fernandes Pinheiro. Vol. IV. Rio de Janeiro: Garnier, 1862; SOUTHEY, Roberto. *História do Brasil*. Traduzida do inglês pelo Dr. Luís Joaquim de Oliveira e Castro; anotada por J. C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi e Leonardo Arroyo. Prefácio de Brasil Bandecchi. Vol. I. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

⁹ SPECK, W. A. *Robert Southey. Entire Man of Letters*. New Haven: Yale University Press, 2006; PRATT, Lynda (ed). *Robert Southey and the contexts of English Romanticism*. Londres: Ashgate, 2006; FULFORD, Tim (ed). *Robert Southey: Poetical Works*. Londres: Pickering & Chatto, 2004, 5v.; BOLTON, Carol. *Writing the Empire. Robert Southey and Romantic Colonialism*. Londres: Pickering & Chatto, 2007.

¹⁰ *Catalogue of the valuable library of the late Robert Southey, esq., poet laureate, which will be sold by auction by order of the executors, by Messrs. S Leigh Sotheby and Co. Auctioneers of literary property and works illustrative of the fine arts. Documento gentilmente cedido pela pesquisadora Lynda Pratt.*

observou Castanheira¹¹, “Portugal não foi para Southey apenas um espaço pitoresco, exótico que satisfazia plenamente o seu gosto romântico pelo passado medieval, mas um sério objeto de estudo”¹². Além de resenhar obras e publicar versos, Southey se dedicou também a escrita de narrativas de viagem. Em *Letters written during a short residence in Spain and Portugal*, obra encomendada pelo editor Rickman em 1796, o inglês lançou seus primeiros comentários sobre a cultura ibérica que, anos mais tarde, reaparecem nas notas que legou sobre a administração portuguesa no Brasil.

As viagens realizadas a Portugal despertaram o desejo de redigir uma monumental história do império português, com volumes dedicados à Ásia, à América, à atuação dos jesuítas no Japão e à literatura espanhola e portuguesa. Nunca é demais lembrar que, as três histórias do Brasil citadas, englobam os territórios do Paraguai, da Argentina, do Uruguai e da Guiana em seus textos. Na apreciação da trajetória do país, os autores salientavam que os laços do país com outros espaços geográficos colaboravam para a compreensão do que, com o passar dos anos, ficou conhecido como Brasil. James Henderson, por exemplo, apresenta como capítulo final de sua narrativa um texto dedicado à Guiana, enquanto Southey narra a atuação dos missionários jesuítas em terras paraguaias e a fundação de Buenos Aires. O entendimento da história do Brasil ultrapassava as frágeis fronteiras geográficas.

Compreende esta obra alguma coisa mais do que o seu título promete. Relata a fundação e progresso das províncias espanholas adjacentes, cujos negócios veremos nos últimos tempos inseparavelmente entrelaçados com a do Brasil.¹³

Enquanto nas províncias do norte andavam envolvidos nesta longa e renhida luta contra os holandeses, fundavam os jesuítas no Paraguai esse domínio cuja nascença, progresso e ruína se acham inseparavelmente ligados à história do Brasil.¹⁴

A elaboração de uma narrativa sobre uma região remota, como representava o Brasil para os ingleses, encontrava algumas dificuldades que já eram previstas pelos seus autores. Sem exceção, apontavam que a descrição rigorosa e detalhista de alguns eventos e hábitos do país poderia não agradar aos leitores unicamente interessados nas vantagens comerciais que poderiam advir após o desembarque da Corte Portuguesa em 1808. O rigor em divulgar informações acuradas acompanha todas as narrativas; além da menção a obras de viajantes e sábios europeus, os auto-

¹¹ CASTANHEIRA, Maria Z. Robert Southey, o primeiro lusófilo inglês. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, n. 05, 1996.

¹² *Ibidem*, p. 19.

¹³ SOUTHEY, Robert. *Op. Cit*, nota 17, p. 03.

¹⁴ *Ibidem*, p. 343.

res destacam o esforço em confrontar edições, apurar dados, confrontar autores que abordaram uma mesma temática.

O diplomata Henderson, ao fazer a menção à obra de Aires de Casal, uma espécie de *modelo* para a redação de sua *History*, não deixa de observar que “in the many instances wherin I have had opportunities of putting the veracity of his statements to the text I have found them correct and impartial”.¹⁵ Já o poeta laureado, após dedicar inúmeras páginas a atuação dos jesuítas no Brasil e no Paraguai sentença que “é dever sagrado do historiador destas épocas relatar com escrupulosa imparcialidade o bem e o mal dos jesuítas, sem deprimir-lhes as virtudes nem disfarçar-lhes as imposturas.”¹⁶ Ainda com relação a produção escrita legada pelos padres discípulos de Loyola, Southey menciona o cuidado com a leitura desse material pois “é difícil as vezes nas suas crônicas distinguir os feitos de credulidade e imaginação dos da falsidade deliberada: é que jamais lhes parecia reprovado o engano que devia produzir um fim pio ou causar uma impressão boa segundo as ideias deles”¹⁷.

Além do confronto entre as edições e a verificação da informação divulgadas nas missivas, relatos, panfletos e outras obras, a coleta da documentação foi, sem dúvida, uma tarefa de grande esforço para os três historiadores citados, se dermos crédito aos constantes desabafos quanto as dificuldades para se obter qualquer informação sobre o Brasil.

Diferentemente de Grant e Henderson, cujas menções a trajetória de elaboração podem ser encontradas em alguns trechos de suas obras, Robert Southey legou uma imensa correspondência na qual explicita em detalhes a elaboração de sua história do Brasil. Se James Henderson aproveitou a estadia para registrar suas impressões acerca dos costumes e da história brasileira, Southey, que nunca chegou a visitar o país, aproveitou-se das facilidades e do conhecimento adquirido durante as duas viagens que realizou pela Península Ibérica para obter livros e dados precisos sobre o Brasil. A primeira viagem, realizada a contragosto em 1796, deu origem a *Letters during a short residence in Portugal and Spain*, um relato marcado por uma ácida crítica aos costumes portugueses. Em 1800, retorna a Lisboa por motivos de saúde e publica um *Journal of a residence* no qual o tom de desapontamento permanece.

A permanência em Portugal, mais do que auxiliar no domínio da língua e na obtenção de materiais para a construção de sua *história*, teve um papel decisivo na sua compreensão do caráter ibérico, tema que será recorrente nas páginas de sua história do Brasil. As narrativas de Grant e Henderson, também não se limitam a narrar os principais eventos da história do país, apresentando igualmente uma tentativa de compreensão e avaliação da presença ibérica nos territórios do Novo Mundo. Ao classificar Lisboa como uma cidade barulhenta e repleta de pessoas

¹⁵ HENDERSON, James .Op .cit, p. 06.

¹⁶ SOUTHEY, Robert .Op .cit, 3v, p. 344

¹⁷ Ibidem, p. 377, 3v.

preguiçosas, Southey reitera um discurso inglês que detecta o enraizamento dos vícios ibéricos no Novo Mundo. Tal trajetória de interpretação é compartilhada por Henderson e Grant. Para exemplificar, destaquemos dois pequenos trechos, um de Southey, outro de Grant, que tratam da salubridade das ruas lisboetas (Southey) e baianas (Grant).

A capital é um lugar curioso de planta errática, construída sobre o terreno extremamente acidentado com pilhas de escombros pelo meio e vastas zonas em aberto. As ruas, porcas para além de todos os conceitos ingleses de sujidade, pois que tudo é lançado para elas e nada é removido. A toda esquina se é empecilhado por animais diferentes, e tal é a indolência e a imundície dos portugueses que creio firmemente que assim também se deixariam apodrecer uns aos outros se os padres não lucrassem com os enterros.¹⁸

As ruas são estreitas que talvez em um clima como do Brasil é uma vantagem, mas elas são mal preparadas e mantidas extremamente sujas¹⁹

Além de apresentarem considerações semelhantes, esses ingleses trocaram alguma correspondência, como fora o caso de Henderson e Southey. Certa vez, o diplomata expressou o desejo de que sua obra fosse resenhada por Southey. Nesse processo de escrita e divulgação dessas histórias, deparamo-nos constantemente com disputas para impor aquela que, supostamente, seria a mais acurada narrativa acerca do Brasil.

Grant, cujos registros são fragmentados, legou uma *história* que, procurou, logo no ano seguinte ao desembarque da Corte joanina, fornecer dados relevantes para seus coetâneos, mercadores ávidos de informações sobre o lugar e os hábitos desse novo e promissor mercado da América do Sul. Henderson, anos após a publicação dos primeiros volumes da *História* de Southey, procurou, por sua vez, “communicate new information respecting a portion of South America, now, more than ever interesting to the commercial, political and scientific worlds”.²⁰

A narração de eventos, a apresentação das características naturais e das diferentes populações espalhadas pelo imenso território não bastava para Robert Southey. Era preciso dar um sentido, uma coesão aos eventos, aos personagens, enfim, ao mundo com o qual se deparava. A história de Andrew Grant, primeira publicação em língua inglesa no século XIX sobre a história brasileira, selecionou os episódios, apresentou uma compreensão, ainda que incipiente, da trajetória da antiga colônia portuguesa para um público que tinha muitas dúvidas sobre as reais potencialidades do território. Henderson, empenhado em divulgar detalhadamente cada província do país e cada aspecto da sociedade brasileira, produziu também

¹⁸ SOUTHEY, Robert. *Journal*, p. XX.

¹⁹ “The streets are narrow which perhaps in a climate like that of Brazil is rather an advantage, but they are ill-pared and kept extremely dirty.” GRANT, Andrew. *Op. Cit.*, p. 307.

²⁰ HENDERSON, James. *Op. Cit.*, p. IV.

uma série de gravuras que seriam publicadas na sua história. Já Southey declarava que gostaria de ser “*regarded there as the first person who ever attempted to give a consistent form to its crude, unconnected and neglect history*”²¹. De trajetórias distintas e interesses comuns, cabe aqui examinar o perfil da interpretação do país divulgada no decorrer do século XIX por esses ingleses.

Uma interpretação da história do Brasil

Ao narrar o período inicial da história do Brasil, Robert Southey alertou ao seu leitor acerca da singularidade do cenário e dos personagens que lhes seriam apresentados. Em tom épico, anuncia o que o leitor deveria esperar nas páginas seguintes.

A série pois das suas aventuras, a descoberta de extensas regiões, os hábitos e superstições de tribos não civilizadas, os esforços dos missionários em que a mais fria política dirigia o zelo mais fanático, o crescimento e a queda do extraordinário domínio que eles estabeleceram, e o progresso do Brasil desde os seus mesquinhos princípios até à importância que atualmente atinge, tudo isto são tópicos de não vulgar interesse.²²

Em Andrew Grant o tom é mais sombrio. Aos seus olhos, o cenário que iria descrever mostrava-se desolador: tratava-se de uma sociedade onde a vida era regulada pelos caprichos e necessidades imediatas, e os habitantes, “*a tractable and ingenious people, ready to learn any art or science*”²³. De qualquer modo, a narração dos eventos em terras do Novo Mundo se mostrava uma tarefa complicada: os personagens, longe de se comportarem como grandes heróis eram indígenas que possuíam estranhos hábitos; o cenário tropical, cenário paradisíaco para alguns viajantes dos séculos anteriores, era berço também de inúmeras moléstias e, por fim, a administração de um território tão extenso e precário conduzia a disputas pouco nobres, que se arrastavam por décadas. Ao se debruçar sobre a ocupação holandesa, por exemplo, o poeta laureado recorre ao relato de Johann Niehoff, não sem antes advertir o seu leitor de que:

Vivia este sincero escritor num século em que poucos professavam sentimentos de humanidade e nenhum fazia alarde deles; além disso, eram-lhe familiar não só os sucessos ordinários da guerra mas também as crueldades que endurecem o coração.²⁴

²¹ SOUTHEY, Cutchbert. *Op. cit.*, p. 17.

²² SOUTHEY, Robert. *Op. Cit.*, p. XXX.

²³ GRANT, Andrew. *Op. Cit.*, p. 31.

²⁴ SOUTHEY, Robert. *Op. cit.*, p. 261, v. 3.

A crítica à atuação portuguesa também pode ser encontrada nos primeiros parágrafos dessas narrativas. Em Grant, por exemplo, a incapacidade portuguesa em estabelecer relações amigáveis com os indígenas é contrastada com a aliança exitosa entre estes e os franceses²⁵. A sociedade da América Portuguesa, igualmente, não deixou de suscitar críticas entre os historiadores ingleses. As considerações tecidas pelos visitantes dos séculos anteriores são reiteradas pelo discurso de Grant que, tal como os autores ingleses dos séculos XVIII, apontam a má administração portuguesa como um elemento chave para se compreender o estado de apatia e atraso que reinava nos trópicos.²⁶

É importante destacar que a *history* de Grant, primeira publicação em língua inglesa totalmente dedicada à história do Brasil no século XIX, ao organizar, em pequenos capítulos uma série de “episódios e curiosidades” relativas às províncias que formavam a América Portuguesa, lançou um modelo para as publicações seguintes, um modelo com, pelo menos, quatro características: 1) toma os episódios de forte presença estrangeira (franceses, holandeses e judeus), como momentos de ruptura com os hábitos pouco industriais oriundos dos povos ibéricos; 2) é fortemente crítico em relação ao modo como a Coroa portuguesa administrava os seus territórios no além-mar; 3) destaca o efeito benéfico da atuação de jesuítas na colonização; 4) e, finalmente, destaca a transmigração da Corte portuguesa, em 1808, como um evento que inaugurava uma nova fase na vida do país.

Na narrativa de Southey, cujos volumes foram publicados em 1810, 1817 e 1819, inúmeras são as passagens em que o procedimento dos colonos portugueses é alvo de severas críticas. Os comentários acerca do exercício da atividade pública e da administração da justiça são ilustrativos. Ouçamos o historiador:

É na verdade fora de dúvida terem sido os funcionários públicos tão venais quanto corrompidos, brilhantes exceções se davam, mas, em geral, andava até o último ponto o princípio da moralidade parecendo o da honra na vida privada ter sido aviltado por peguilhos e pervertido até tornar-se motivo ou pretexto nos mais negros crimes²⁷.

Assim se tornava pior no Brasil a administração da justiça que em Portugal era infamemente ruim, crescendo o mal com as dificuldades e delongas da apelação para um tribunal da outra banda do Atlântico.²⁸

²⁵ Cf. SOUTHEY, GRANT e HENDERSON.

²⁶ “During the short period that the French possessed this settlement, they established a more friendly correspondence with the natives than the portugueses had been able to effect in fifty years. This may be partly accounted for from the more conciating manners of the French and partly from a ship from Normandy having been lost on that coast about twenty years before, when a few of crew having reach the shore and being well eceived, had intermarried with the natives and these men were of the greatest service to the colony”. GRANT, Andrew. *Op. cit.*, p. 42-3.

²⁷ *Ibidem*, p. 452.

²⁸ *Ibidem*, p. 453.

Ao apresentar as condições naturais do mundo brasileiro, Grant destaca, no capítulo inaugural de sua obra, que o descobrimento de um território imenso contrasta com a tímida e precária ocupação portuguesa. Tanto Grant quanto Southey são taxativos ao afirmar que os melhoramentos de que a colônia necessitava sempre dependeram não do poder público organizado, mas de uns poucos homens, uns *desafortunados*, aventureiros, que, com o passar dos anos, acabaram por garantir a preservação do território:

Descoberto ao acaso e ao acaso abandonado por muito tempo, tem sido com a indústria individual e cometimentos particulares, que tem crescido este império, tão vasto como já é, e tão poderoso como um dia virá a ser. [...].²⁹

É óbvio que neste momento - essas numerosas províncias podem ao melhorar constituir um reino - estão em um estado primitivo e até então, o fanatismo religioso, a ignorância, os costumes anti-sociais os defeitos comerciais, a estreita política, civil e eclesiástica que têm há séculos controlado o crescimento natural de tudo o que adorna e dá poder para um Império.³⁰

Na obra de James Henderson, essa questão é abordada quando o autor decide apresentar as condições atuais na província do Rio de Janeiro. O retrato que traça do aproveitamento das terras ilustra o contraste entre as potencialidades naturais e a mau aproveitamento que faz dela o colono português.

Um agrônomo inglês consideraria com espanto e lamento as extensões de terras desperdiçadas no Brasil e particularmente nas proximidades das capitais e principais cidades. Se tomarmos em conta a opinião do Sr. McKeand, de quem eu observei com muita atenção em Campinha, apenas 18 milhas do Rio de Janeiro, minha surpresa foi ver esse extenso e fino vale quase em estado selvagem e com seus bosques verdejantes e primitivos. É uma situação convidativa e sua vegetação reflete a vergonha sobre a indolência que tem contribuído para criar [tal cenário].³¹

Os rumos de tal história somente se alteram, segundo os ingleses, quando

²⁹ SOUTHEY, Robert. *Op. cit.*, p. XXV.

³⁰“It is obvious that at present these numerous provinces - each of which might when thus improved constitute a kingdom - are mainly in a primeval state and hitherto the religious bigotry, the ignorance, the unsocial manners, the commercial defects, the narrow, civil and ecclesiastical polity have for centuries checked the natural growth of everything that adorns and gives power to an empire”. HENDERSON, James. *Op. cit.*, p. 498.

³¹“An English agriculturist would regard with astonishment and regret the extensive tracts of land lying waste in the Brazil, and particularly in the vicinity of the capital and principals towns. On accompanying a party with Mr. McKeand, from whom I experienced much attention to Campinha, only 18 miles from Rio, my surprise was more forcibly excited to see that very fine champaign and extensive valley almost in a wild state and with its primitive and verdant woods. It is a most inviting situation and its self-production vegetation reflects shame upon the indolence it has contributed to create.” *Ibidem*, p.85 .

da atuação de homens como Maurício de Nassau, Padre Antonio Vieira, entre outros. Esse último despertou tamanha admiração em Southey, que o definiu como um “homem extraordinário, não só na eloquência mas em todas as coisas”.³² Já sobre Nassau, observa que “nele respeitavam o elevado nascimento, as qualidades pessoais e a magnificência de príncipe que tanto contrastava com esse espírito sorridamente ávaro de dinheiro que, na opinião deles [os portugueses] caracterizava a nação holandesa.”³³

Na narrativa de James Henderson, os episódios de descobrimento e colonização portuguesa eram confrontados com a atuação inglesa. Ao recuperar uma interpretação que, já nos séculos XVII e XVIII, ganhara força no mundo letrado inglês, Henderson explicita que

Tivesse a melhor e mais rica região da América caído nas mãos de ingleses, franceses ou holandeses, sem dúvida, teria assumido uma aparência muito diferente, em comparação com seu estado atual. Que isso teria sido o caso é evidente a partir da atual condição superior dos estados anglo americanos, um território que foi colonizado mais tarde do que o Brasil e cujo solo é, em geral, tão inferior à esse último [país]. A ocasião da diferença pode ser atribuída principalmente ao gênio distinto dos governos e da religião inglesa e portuguesa, o caráter livre e sábio dando todas as facilidades para o talento e a indústria de todas as descrições, enquanto a natureza opressiva e ignorante deste último, especialmente em relação às restrições comerciais que, até a chegada do rei, infelizmente já existiam e a dominação do sacerdócio sobre as consciências e propriedade do povo, operou como uma paralisia na empresa agrícola, comercial e científica e sobre todas as perseguições benéficas da mente³⁴.

A atuação de povos industriais, tais como os ingleses, os franceses e os holandeses, era anunciada como uma possibilidade de ruptura com o desgoverno dos ibéricos. Tradição estabelecida lentamente no decorrer dos séculos anteriores, a identificação dos ibéricos como povos arcaicos e na contramão do progresso ganha paulatinamente espaço na obra de Henderson, que aponta a possibilidade da adoção de uma carta constitucional pelo governo do Rio de Janeiro, na década de 20

³²SOUTHEY, Robert .Op .cit, p. 264.

³³*Ibidem*, p. 79.

³⁴“Had this best and richest region of America fallen to the share of the English, French or Dutch, it would no doubt have assumed a very different appearance, compared with its actual state. That this would have been the case is evident from the present immensely superior condition of the anglo American states, the territory of which was colonized at a later period than Brazil and whose soil is in general so inferior to the later country. The occasion of the difference may be mainly attributed to the very opposite genius of the governments and religion under the English and Portuguese, the free and wise character of the former giving every facility to talent and industry of all descriptions, while the ignorant and oppressive nature of the latter, especially in relation to the commercial restrictions which, till the arrival of the king, had unfortunately existed and in the domination of the priesthood over the consciences and property of the people, operating as a paralysis on agricultural, commercial and scientific enterprise and upon all the beneficial pursuits of mind”. HENDERSON, James .Op .cit, p. 23.

do Oitocentos, como indicativo de um *renascimento* do país.

Nessa perspectiva, o compromisso dos indivíduos com o *melhoramento*, outra temática amplamente debatida pelos autores dos séculos XVII e XVIII, era crucial para a interpretação do processo colonizador que foi ganhando forma com o passar do tempo.

Os particulares, porém, entregues a si mesmo, se estabeleciam pelos portos e ilhas ao longo da costa, e vilas e aldeias iam surgindo. Por cerca de 30 anos ainda depois da sua descoberta foi assim descuidado o país, durante este tempo adquiriu ele importância bastante para merecer alguma consideração à corte [...].³⁵

Atraídos muitas vezes por notícias repletas de fantasias, divulgadas em crônicas e panfletos, o confronto dos aventureiros com os obstáculos, como a enorme distância entre as povoações, a presença de insetos e animais desconhecidos ou as variações das condições climáticas, conferia um caráter heróico ao evento. Southey salienta, a propósito, que iludir os possíveis colonos era muito recorrente na produção escrita das metrópoles, não sendo, pois, uma exclusividade dos ibéricos propagar imensas vantagens acerca de suas possessões americanas. Ao abordar a crônica de Herrera, o poeta laureado argumenta que

[...] a verdade é que, tendo, como Raleigh achado um país que julgou digno de conquistar-se e colonizar-se, inventou a seu respeito as falsidades que melhor poderiam tentar os aventureiros a acompanhá-los na projetada empresa.³⁶

Na história de Grant, a ocupação holandesa é vista como a mais bem sucedida tentativa de colonização da América dita portuguesa, êxito compreensível, em parte, pelo caráter industrioso dos batavos. Southey recupera essa interpretação de Grant e discorre sobre a inevitabilidade da vitória portuguesa nas terras do Brasil. Acompanhemos:

Que era a Holanda então um país mais ditoso do que Portugal não é uma coisa de que se duvide; mais industrioso e mais ilustrado vivia o povo debaixo de um governo livre e de uma religião tolerante, gozando da regular administração de leis boas. Mas raro sucede pode uma nação ampliar as próprias vantagens às suas conquistas estrangeiras. Se os holandeses tivessem projetado a conquista do Brasil para lhe melhorarem a condição dos moradores e neste intuito modelado a administração das províncias conquistadas, ainda assim não o conseguiram: a língua, a religião, os costumes o caráter e o orgulho nacional dos portugueses eram outros tantos obstáculos, fortes em si mesmo, e na sua união, insuperáveis.³⁷

³⁵ *Ibidem*, p. 58.

³⁶ *Ibidem*, p. 117, vol. 1.

³⁷ *Ibidem*, p. 75.

Ao abordar a temática, o poeta laureado observa que os holandeses

Espalhavam-se proclamações oferecendo liberdade, gozo pleno de seus bens e livre comércio de sua religião a todos que se submetessem, atraiu isto muitos negros, muitos indígenas e obra de duzentos cristãos-novos que trabalhavam por persuadir outros a seguirem-lhes o exemplo. Expostos como andaram aos insultos dum povo supersticioso e beguino, e sempre com o medo da inquisição diante dos olhos, nada lhes podia ser mais bem vindo do que esta mudança de senhores.³⁸

O enraizamento dos costumes e da língua portuguesa impedia que princípios mais elevados ganhassem espaço no Brasil. Em Grant, a vitória portuguesa sobre os holandeses e, tempos depois, a expulsão dos jesuítas, constituíam eventos decisivos para a compreensão da trajetória do país. É verdade que interpretação foi melhor esmiuçada por Southey, que, embora nunca mencione a obra de Grant em suas cartas, compartilha do veredicto dado por este acerca da presença dos missionários da companhia de Loyola. Em consequência da expulsão dos missionários, assevera Grant, “the Brazilians remain at the present day as unenlightened as at the period their country was discovered by the Portuguese”.³⁹

Em Southey, a ênfase recai, mais uma vez, sobre o desempenho dos indivíduos, e o caso dos jesuítas era exemplar, uma vez que

Por sobre todos estes males tinham os missionários de suportar muitas vezes o extremo da fadiga e da fome ao atravessarem matos e charnecas, e quando vencidos todos estes obstáculos, encontravam os selvagens que buscavam, caíam frequentemente eles e os seus companheiros, vítimas da ferocidade, capricho ou desconfiança daqueles mesmos por amor dos quais tanto haviam sofrido.⁴⁰[...].

Ao discorrer sobre a atuação dos jesuítas, o poeta destaca o estado de abandono, não só material como espiritual dos colonos; abandono acrescido do uso moralmente deletério do trabalho forçado dos selvagens, alvo de severas críticas de outro dos escolhidos de Southey, o padre Antônio Vieira, cujos trechos de diversos sermões são reproduzidos na narrativa.

Depressa conheceu Vieira o estado corrupto do país quanto a moral e religião. Cristãos e pagãos viviam em igual cegueira por falta de instrução, não havendo ali, diz ele, ninguém que catequize, ninguém que administre os sacramentos, não faltando aliás quem escravize, quem tirenize, nem o que é pior, quem aprove tudo isto de modo que portugueses e índios vão indo todos pelo caminho do inferno.⁴¹

³⁸*Ibidem*, p. 114.

³⁹*Ibidem*, p. 37.

⁴⁰SOUTHEY, Robert. *Op. cit.*, p. 45.

⁴¹*Ibidem*, p. 177.

O texto de Henderson traz uma apreciação sucinta da participação dos jesuítas na história do Brasil, sucinta mas igualmente positiva; sem muitas delongas, afirma o diplomata:

Os jesuítas foram, sem dúvida, a melhor classe de eclesiásticos que até agora visitaram o Brasil, não só como tem sido observado ao iniciar os índios no cristianismo, mas na busca geral e no incentivo à literatura⁴².

Também na sua compreensão da história do Brasil, o peso das decisões e ações individuais compensava a apática administração portuguesa. Logo, apesar de “todas as imagináveis circunstâncias de desgoverno”, a coroa portuguesa manteve, a custo dos indivíduos, a posse do país.

Na obra de 1809, a de Grant, a participação portuguesa, definida como *inhumanity and impolicy, jealous and illiberal*, somente era digna de aprovação quando a temática girava em torno da ação dos jesuítas. No decorrer da leitura dessas obras, fica evidente que o único momento no qual a trajetória dos portugueses em terras brasileiras é louvada se dá justamente na apreciação das reduções jesuíticas. Essa apreciação, contudo, era repleta de nuances. Os textos de Grant e Henderson avaliam somente a atuação missionária jesuítica, — propósitos de evangelização e organização das missões.

Já na *história* de Southey, a análise vai um pouco mais longe e os limites da ação dos membros da Companhia de Jesus ganham algum destaque.

Tudo quanto podia torná-los bons servos e felizes na servidão, eles ensinavam cuidadosamente, mas além disso, nada, nada que pudesse conduzi-los a emancipação política e intelectual. [...]. Apreciando porém o bem que fizeram os jesuítas, cumpre recordar que os espanhóis no Paraguai se iam desempenhando nesse estado que com propriedade se não pode chamar nem selvagem nem bárbaro mas que de todas as condições em que jamais tem existido o homem, é talvez aquela em que menos virtudes se desenvolvem.⁴³

Tão grande parte tomaram os jesuítas na história da América do Sul que estes primeiros nomes se tornam dignos de memória. [sobre Manuel de Nóbrega]⁴⁴.

Vale salientar que, na edição em língua portuguesa, traduzida pelo cônego Fernandes Pinheiro e publicada em 1862, uma breve nota de esclarecimento ao público luso-brasileiro recomendava que as considerações do autor acerca da fé e dos costumes católicos nada mais representavam do que o exagero de um protes-

⁴²“The jesuits were undoubtedly the best class of ecclesiastics who have hitherto visited the Brazil, not only as has been observed in initiating the indians into christianity but in general pursuit and encouragement of literature”. HENDERSON, James. *Op. cit.*, p. 30.

⁴³SOUTHEY, Robert. *Op. cit.*, p. 64.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 313.

tante. Tal como os viajantes, Southey se incomodava com a profusão de ritos, cerimoniais e especialmente, com o hábito de recorrer à intervenção divina para explicar tudo o que ocorria na colônia, hábito que denominava frequentemente de *superstições católicas*. Southey, no entanto, nunca deixou de reconhecer a nobreza de algumas das ações dos religiosos, como o costume de amparar os doentes, por exemplo.

É em visitas como esta que os religiosos da igreja romana procedem com uma caridade heróica que lhes dá o direito tanto a admiração como gratidão da humanidade. Podem então esquecer-se e perdoar-se-lhes as loucuras, os erros, e os males de que suas instituições são causa, o espírito da religião que em outras épocas se esconde entre momices ou perversidade.⁴⁵

Fernandes Pinheiro, tradutor, interrompe nesse momento a leitura da narrativa para pedir ao leitor que “tome nota desta sincera homenagem que à nossa santa religião rende um protestante, cujas injustiças para com ela temos tidos por vezes ocasião de verificar”.⁴⁶

Ao lado dos jesuítas, as narrativas desses ingleses destacam, como referimos de passagem, a presença holandesa no Nordeste como um episódio central para a compreensão dos eventos posteriores. Os batavos eram saudados como povos mais habilidosos do que os ibéricos. As medidas tomadas por aqueles nas cidades que ocuparam no nordeste brasileiro, por exemplo, não passaram despercebidas ao poeta, que sentenciou:

Suas pontes, seus palácios e suas cidades ai ficaram como monumentos de sua administração sábia e magnífica mas ainda estes não são os mais duradouros. Levara ele [Nassau] consigo escolares, naturalistas e ilustradores.⁴⁷

Alguns melhoramentos introduziram os conquistadores enquanto senho-reavam o país. Um povo acostumado a tão grande limpeza na pátria não podia tolerar a imundice de uma cidade portuguesa, e assim eram as ruas do Recife regularmente varridas.⁴⁸

Mais uma vez, de certo modo, deparamo-nos com resquícios dos relatos que Southey produziu durante suas viagens pela península ibérica.

A apreciação dos indígenas também ocupou um lugar de relevo nas três narrativas produzidas durante os anos joaninos. Reforçando as imagens divulgadas nos séculos anteriores pelas narrativas de viagem, Grant sentenciava que os silvíco-

⁴⁵ *Ibidem*, p. 287.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 288.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 416.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 418.

las

[...] eram um povo tratável e engenhoso, pronto para aprender qualquer arte ou ciência. [...] Eles, na verdade, não apresentam muita disposição para o trabalho, é verdade, seus desejos são poucos e facilmente satisfeitos. Enquanto tratados com bondade, não ofereceram qualquer objeção à ocupação de terras por estranhos⁴⁹.

O poeta laureado, por sua vez, destacava a singularidade do comportamento indígena quando comparado ao dos europeus. O historiador narrou com detalhes – o que lhe valeu severas críticas de resenhistas, – e com estranhamento que os silvícolas preferiam morrer a viver com os colonos portugueses.

Malgrado ser um expressivo nome do dito Romantismo inglês, Southey, nas páginas dedicadas ao universo dos indígenas, está longe de criar uma figura idealizada, longe de apresentar os nativos como exemplares do bom selvagem. O seu selvagem é um personagem dotado de instintos tão cruéis quanto o daqueles europeus envolvidos na descoberta e ocupação dos territórios do Novo Mundo. Narrar a história do Brasil, conduz, inevitavelmente, na perspectiva de Southey, em se defrontar com os instintos sanguinários dos selvagens, que eram compartilhados pelos primeiros conquistadores, “os mais robustos e esforçados dos homens, assim como eram também os mais desumanos.”⁵⁰

Henderson, interessado em relatar as condições de vida após a transmigração da Corte e estimular a vinda de seus conterrâneos, explica ao leitor que, apesar dos novos ares de civilidade, o vasto território era habitado por indígenas que “mais ou menos numerosos e geralmente divididos em tribos ou hordas vagando em um estado de nudez, a parte principal do seu tempo empregado na caça, [...] e essas frutas que a natureza espontaneamente produz.”⁵¹

A enorme extensão territorial colaborava em muito para a perpetuação dos barbarismo e para o caráter desigual e imaturo da sociedade. Ao comparar as sociedades do Velho e Novo Mundo, Southey destacava:

No Velho Mundo fora também a tendência dos sucessos para reunir os homens em Estados ou em tribos quando a sociedade se achava na sua condição mais rude, mas ligando-os por toda a parte com laços de mútua dependência: no Novo Mundo, pelo contrário, tem sido a tendência para a separação e para uma espécie de selvagem independência.⁵²

⁴⁹ “[...] were a tractable and ingenious people, ready to learn any art or science. [...] They were, it is true, not much disposed to labour, for their desires were few and easily gratified. While they were treated with kindness, they offered no objections to the occupation of lands by the strangers”. GRANT, Andrew .*Op .cit*, p. 32.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 405.

⁵¹ “more or less numerous and generally divided into tribes or hordes wandering about in a state of nudity, the principal part of their time employed in hunting [...] and such fruits as nature spontaneously produces”. HENDERSON, James .*Op .cit*, p. 28.

⁵² *Ibidem*, p. XXX.

Território mal governado, cercado por indígenas — cujos costumes se mostravam tão cruéis quanto os dos colonos ibéricos e entregue às iniciativas individuais; eis a interpretação elaborada e divulgada nas páginas dessas histórias do Brasil escritas em língua inglesa no início do Oitocentos. Acrescente à esse cenário, a presença de escravos que horrorizavam os estrangeiros que por aqui desembarcavam. A apreciação de tal presença não será diferente entre os historiadores. A descrição da marcada presença de escravos nas cidades brasileiras rendeu observações como as de Grant: “ qualquer que seja a prosperidade crescente ou crescentes riquezas do Rio de Janeiro, é com dor que está a cidade desonrada por um estabelecimento originário dos sofrimentos e infortúnios de uma raça”⁵³.

Na apreciação que nos legou da população da província do Rio de Janeiro, Henderson informou aos seus leitores que cerca de dois terços da população era constituída por negros e mulatos, cujas atividades garantiam as rendas de seus senhores. A figura do *negro de ganho* causava horror entre os estrangeiros que, como Henderson, não se cansaram de complementar as suas abordagens com descrições da chegada de navios negreiros nos portos brasileiros e dos frequentes castigos físicos que eram impingidos aos negros e podiam ser contemplados em qualquer cidade brasileira do período.

Os mulatos são uma porção da população muito mais saudável e robusta, sua mistura na constituição brasileira e africana parece exatamente adaptada ao clima. Os negros provavelmente não são usados com desumanidade mais aqui do que em outras colônias. [...] Os navios negreiros que chegam no Brasil apresentam uma imagem terrível da miséria humana, os pavimentos sendo lotados com seres tão estreitamente arrumados como é possível, cuja melancolia nas faces e os corpos nus são suficientes para atestar com horror à um indivíduo não habituado com tais cenas[...].⁵⁴

A forte presença de escravos, o fascínio exercido pela descoberta de ouro, o caráter preguiçoso dos ibéricos, tudo isso conduziu ao estado deplorável em que, segundo os ingleses, se encontrava a colônia.

Em linhas gerais, é a tentativa de compreensão dos impactos da transmigração da corte sobre os destinos do país que arremata essas narrativas. Após a descrição das vicissitudes que, desde o descobrimento se fizeram presentes, os autores, pautados nos testemunhos de viajantes e autoridades portuguesas do período, apon-

⁵³“Whatever may be the rising prosperity or increasing riches of Rio, it is with pain that we behold this city disgraced by an establishment originating in the sufferings and misfortunes of an unoffering race.” GRANT, Andrew. *Op. cit.*, p. 152.

⁵⁴ “The mulattoes are a portion of the population much of the most healthy and robust, their mixture of african and brazilian constitution appearing exactly adapted to the climate. The negroes are probably not used with more inhumanity here than in other colonies. [...] The slave ships arriving at the Brazil present a terrible picture of human wretchedness, the decks being crowded with beings as closely stowed as it is possible, whose melancholy black faces and gaunt naked bodies are of themselves sufficient to transfix with horror an individual unused to such scenes [...]”. HENDERSON, James. *Op. cit.*, p. 174.

tavam para aquela que poderia corresponder a uma nova fase da história do Brasil. A crença no comércio como instrumento de civilização e progresso, fortemente arraigado na história da Grant, fez com que ele concedesse um enorme destaque as medidas comerciais adotadas pelo governo português, agora sediado na cidade do Rio de Janeiro.

Ideias como civilização e comércio andavam juntas nessas histórias, a ponto de Robert Southey considerar que Pernambuco devia sua posição de destaque entre os territórios da América do Sul graças ao comércio.

Em Pernambuco teria esta tendência tornado cada geração mais bárbara do que a anterior, se a civilizada influência do comércio estendendo-se da costa para todas as partes não houvesse contrabalançado este natural processo. Graças a esta influência encontravam-se nas fazendas desta província as decências e até os cômodos da vida que, de balde se buscariam entre os miseráveis semiselvagens do Paraguai e do Prata.⁵⁵

Sinônimos do que era entendido na época como moderno e industrioso, a prática de uma vida comercial sem restrições e o exercício da governabilidade pautado por uma carta constitucional, medidas que o Brasil vinha adotando depois de 1808, foram celebrados por esse autores como indícios inequívocos da emergência de uma nova civilidade. Para o entusiasmado James Henderson:

A adoção recente pelos brasileiros de um governo sob a forma constitucional determinada e sancionada pela disposição benéfica do seu monarca, bem como sua aprovação altamente honrosa, judiciosa e decidida do príncipe real, produzirá um avanço imediato para esse estado próspero e distinto que estamos contemplando.⁵⁶

Enquanto as narrativas de Grant e Henderson saudam a presença da Corte no país, Southey é mais ponderado. Primeiramente, destaca, mais uma vez, a enorme incapacidade portuguesa de governar e administrar tão extenso e heterogêneo território, em seguida, faz o seu prognóstico.

A maior restrição sob a qual laborava o Brasil era o monopólio do seu comércio em que tão rigorosa se mostrava a mãe pátria. Este mal cessou como de necessidade havia de cessar com a mudança da sede da Corte. Introduziu-se a imprensa, perceberam-se logo alguns erros da antiga política e outros poucos mais duraram. Os agravos do povo fáceis são de remediar: a abolição do tráfico de escravos se seguirá a abolição da es-

⁵⁵SOUTHEY, Robert. *Op. cit.*, p. 411.

⁵⁶“The adoption by the brazilians of the free constitution govenment recently determined upon by the mother country and sanctioned by the beneficent disposition of their monarch, as well as by the highly honourable, judicious and decided approbation of the prince royal, will, it be hoped, rouze the latent energies of this fine country and produce an immediate advance towards that flourishing and distinguished state we have been contemplating”. HENDERSON, James. *Op. cit.*, p. 499.

cravidão; os selvagens ainda que restam não tardariam a civilizar-se, e índios, negros e portugueses se iam fundindo gradualmente num só povo que terá por herança uma das mais formosas porções da terra.⁵⁷

Em suas observações conclusivas, Henderson convoca os interessados da Inglaterra a explorarem o Brasil, agora aberto às nações amigas. A sua narrativa - que buscou dar conta dos principais eventos e das principais características dessa *nova* parte do globo que se abria à curiosidade de todos - é arrematada, em tom de euforia, com um convite.

O filósofo e o homem de negócios já exaltam as mudanças e felicitam a rica perspectiva que vislumbram. Ao primeiro, a melhoria das facilidades em um dos campos mais magníficos e variados do mundo possibilitará deliciosas investigações em história natural. Ao mercador britânico, o aumento em suas transações comerciais será possível por meio de uma administração mais sábia do governo brasileiro referente ao intercâmbio de produtos com outros países e pelo crescimento da indústria e prosperidade do povo brasileiro.⁵⁸

O poeta laureado, por sua vez, adverte que, se o país conseguisse escapar *dos flagelos da Revolução* - uma referência aos acontecimentos que conduziram a fragmentação da América Espanhola - , era de se esperar tempos vindouros gloriosos.

Bela perspectiva e um futuro de glória se abre para os brasileiros, se escaparem ao flagelo da Revolução que destruiria a felicidade de toda a geração atual, arrastando consigo a anarquia e a guerra civil e acabando por dividir o país numa multidão de Estados mesquinhos e hostis que teriam que atravessar séculos de miséria e de sangue derramado antes que pudessem reerguer-se da condição de barbarismo em que se veriam mergulhados.

Por volta de 1820, Southey já era conhecido como a principal referência no mundo anglofôno sobre a cultura e história portuguesa. Durante a redação do último volume, Southey confidenciou a seu tio Hill o plano da obra, que deveria ter como epílogo um capítulo dedicado a vinda da família real portuguesa. Para tanto, o inglês conta, mais uma vez, com o auxílio do tio e de amigos, como o comerciante John May..⁵⁹

⁵⁷SOUTHEY, Robert .*Op .cit.*, p. 539, v. 6.

⁵⁸“The philosopher and the man of business already exult in the change and are felicitated by the prospect so richly and grandly opening before them. To the first, improved facilities will be afforded in one of the most magnificent and varied fields in the world, for his delightful pursuits in natural history. To the british merchant particularly an immense augmentation of his commercial dealings will be opened by a wiser administration of the Brazilian government relative to the exchange of commodities with other countries and by the increased industry and prosperity of the Brazilian people”. HENDERSON, James .*Op .cit.*, p. 500.

⁵⁹“A notícias do Brasil me fazem olhar diariamente, com muita ansiedade sobre você e de que maneira esses movimentos revolucionários podem ter afetado seus interesses”. *Ibidem*, s. p.

Mesmo depois de dedicar décadas de sua vida à escrita da história de um lugar que nunca chegou a conhecer, Southey mantinha seu interesse pelo Brasil. Após a publicação, em 1819, do terceiro e último volume sobre o Brasil, o poeta ainda demonstrava contínuo interesse por notícias e informações sobre o lugar. No decorrer da década de 20 do Oitocentos, inúmeras cartas atestam que o escritor sempre indagava a John May sobre as novas do país. Os conflituosos anos que se seguiram à Independência renderam comentários e observações de Southey nos jornais ingleses, que viam nele a pessoa mais bem informada sobre tal temática.

A análise dos recentes eventos da história do Brasil não deixou de ser incluída também na narrativa de James Henderson. Após vinte detalhados capítulos sobre as diferentes províncias do país, o cônsul apresenta algumas observações conclusivas, nas quais destaca a adoção da monarquia constitucional, fato tido como um indício dos possíveis melhoramentos que os habitantes desfrutariam.⁶⁰

A compreensão da história do Brasil delineada nas páginas dessas narrativas apresenta semelhanças com o discurso inglês sobre o Novo Mundo elaborado no decorrer dos séculos XVII e XVIII. A identificação da atuação portuguesa, e por extensão, ibérica, como inábil, ausente e inerte, quando comparada ao ideal de *improvement* propagado pelos colonos e viajantes ingleses, faz-se presente na interpretação da trajetória brasileira descrita pelos ingleses. As potencialidades de exploração dos territórios esbarravam numa administração frágil, sendo superadas apenas pela persistência de indivíduos como os conquistadores holandeses, os audazes paulistas e os empenhados padres da Companhia de Jesus. Grande exceção na produção escrita inglesa sobre o Brasil, a atuação dos missionários era enaltecida e entendida como um esforço no sentido de abrandar o estado de selvageria em que se encontravam os nativos. Logo, a conhecida expulsão levada a cabo pelo marquês de Pombal mereceu a reprovação dos ingleses, que a consideraram responsável pelo despovoamento em certas regiões do país. Em contraste com o ineficaz governo português, as tentativas de ocupação e colonização dos holandeses renderam capítulos expressivos nessas *histórias*. Identificados como povos industriais e mais adiantados que os ibéricos, os holandeses legaram mais do que uma arquitetura e um ar de civilidade aos lugares que ocuparam, legaram também registros e estudos que possibilitaram um conhecimento sobre o Brasil que os ibéricos eram incapazes de propiciar.

Elogios comedidos ao Brasil somente aparecem nas *histórias* quando os autores tratam do período posterior a 1808. A introdução da imprensa, o estabelecimento de instituições de ensino, a possibilidade de conhecer o território do país sem as restrições das épocas anteriores, os acordos comerciais e a adoção, a partir da déca-

⁶⁰ “It is obvious that at present these numerous provinces, each of which might when thus improved, constitute a kingdom are mainly in a primeval state and hitherto the religious bigotry, the unlettered ignorance, the unsocial manners, the commercial defects, the narrow, civil and ecclesiastical polity have for centuries checked the nature growth of everything that adorns and gives power to an empire”. HENDERSON, James. *Op. cit.*, p. 498.

da de 20, de um governo constitucional pareceram indícios de um novo período histórico. Tal *alvorecer* derivava da postura renovada do monarca português, em acordo com aquilo que os ingleses acreditavam ser apanágios das nações modernas. Cercado de expectativas, os tempos vindouros prometiam “*a state of beauty, prosperity and happiness not to be surpassed by any other portions of the globe and equally but by few*”.⁶¹ Tratava-se, em suma, de uma história conduzida por *mesquinhos princípios*, que esboçava, graças a uma maior proximidade com o mundo europeu não ibérico, sinais de melhora em meados do século XIX.

Artigo recebido em 25 de abril de 2014.

Aprovado em 10 de dezembro de 2014.

⁶¹ HENDERSON, James .Op .cit, p. 498.